

A QUESTÃO DOS REFUGIADOS VENEZUELANOS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção. Receberá nota zero a redação que desrespeitar os direitos humanos; apresentar menos de sete linhas; fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo ou apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema “A QUESTÃO DOS REFUGIADOS VENEZUELANOS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO 1

REFUGIADOS VENEZUELANOS NA PB PEDEM QUE BRASILEIROS ABRAM OS CORAÇÕES: 'VIEMOS PARA TRABALHAR

Uma semana após o acirramento da tensão na fronteira de Pacaraima (RR) com a Venezuela, o G1 conversou com refugiados venezuelanos que tentam reconstruir suas vidas em Campina Grande, na Paraíba, depois de migrarem para o Brasil por causa da crise econômica e humanitária no país de origem. Longe das famílias, eles acompanham com tristeza os desdobramentos do mais novo conflito.

No último sábado (18), um grupo de brasileiros atacou acampamentos de venezuelanos em Pacaraima, colocando fogo em objetos, roupas e documentos dos imigrantes após um comerciante ser assaltado e agredido. Ele diz que os criminosos eram venezuelanos. O caso está sob investigação. Na Paraíba, os venezuelanos ouvidos pelo G1 falam que foram bem recebidos e que vieram para trabalhar. Todos eles já estão empregados: Angel Gabriel Ordaz Marin, de 25 anos, é atendente em uma filial de fast food. Gleomar José Aillon Gomes e Yoel Vera, ambos de 44 anos, são auxiliares de cozinha. Para o venezuelano Yoel, a crise da Venezuela é desumana e agir com qualquer tipo de violência contra os refugiados é algo cruel. “A gente não veio pra cá para ser milionário. Viemos para trabalhar, manter a família e viver dignamente, como qualquer pessoa merece na vida. Não queremos incomodar ninguém. Por isso eu peço que a fronteira não seja fechada, peço que os brasileiros acolham os meus irmãos com o coração”, diz o venezuelano Yoel Vera, de 44 anos.

Já Gabriel Marin fala que os refugiados não podem pagar pela ação de uma só pessoa. A apreensão também tomou conta de venezuelanos que estão no Distrito Federal. "Me doeu bastante ver a saída dos venezuelanos, porque há muitas pessoas boas que vieram para trabalhar, mas há também os maus", disse um deles, que pediu para não ser identificado.

Em Pernambuco, venezuelanos enfrentam dificuldade de se colocar no mercado de trabalho e relatam outras situações de violência vividas em Roraima. "Conheço um homem que teve uma arma apontada por um morador de Boa Vista. Lá, não se tem leis para venezuelanos", conta Evelin Cabrera, que decidiu deixar o pouco que tinha na Venezuela e vir para o Brasil em 2017. Antes do grupo chegar à Paraíba, os empregadores dos refugiados venezuelanos fizeram uma reunião com todos os outros funcionários da empresa. O diálogo foi baseado na empatia e respeito.

"Fomos preparados para o que ia acontecer. Nós demos o nosso melhor e eles foram recepcionados da melhor forma", afirmou a colega de trabalho Iberlânia Pereira, de 28 anos. Logo que chegaram, os três passaram duas semanas em um abrigo da igreja. Pouco depois, o trio alugou um pequeno apartamento e hoje dividem despesas. Móveis, eletrodomésticos e aparelhos de celular vieram com as doações. "A gente viu que eles vinham sem nada, só com poucas roupas. Procuramos o que tínhamos em casa e não estávamos mais utilizando. Eu tinha comprado um fogão novo e o antigo estava sem uso nenhum. Acredito que vai servir bastante para eles", contou Iberlânia.

"A esperança de que as coisas melhorem na Venezuela sempre vai existir. Mas a minha meta é trazer todos para o Brasil e também construir a minha família aqui. Uma oportunidade como essa só surge uma vez na vida", desabafou.

Gleomar José e Yoel Vera, de 44 anos, têm mais em comum do que a idade e o local de origem. Os dois têm filhos que ainda estão na Venezuela. Yoel, que era cozinheiro no estado de Anzoátegui, na Venezuela, está no Brasil há sete meses. Ele não conseguiu esconder a preocupação que sente pelo filho passar necessidades e não poder fazer nada. Quando Yoel veio para o Brasil, o filho e a ex-mulher dele estavam voltando para a Venezuela porque não conseguiram matricular o menino em nenhuma escola, por falta de documentação.

A cada novo dia, Yoel sente que a família dele está se esfacelando. Uma irmã migrou para o Peru e aguarda pela mãe e por uma sobrinha dele. Um irmão também planeja morar na Argentina.

Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2018/08/25/refugiados-venezuelanos-na-pb-pedem-que-brasileiros-abram-os-coracoes-viemos-para-trabalhar.ghtml>

REFUGIADOS VENEZUELANOS SÃO AGREDIDOS COM BOMBAS EM RORAIMA

Centenas de refugiados venezuelanos foram alvo de agressão de brasileiros em Roraima; tendas foram incendiadas e imigrantes, expulsos

Um grupo de brasileiros armados com bombas caseiras e pedaços de paus se reuniram, na cidade de Pacaraima, em Roraima, para agredir os refugiados venezuelanos acampados nas ruas da cidade. As tendas dos refugiados venezuelanos foram incendiadas com álcool, e os protestantes lançaram bombas em direção ao acampamento. Centenas de imigrantes se encontravam na região. Até o momento não há informações sobre feridos ou vítimas fatais – a prefeitura da cidade se limitou a dizer que três pessoas foram alvejadas por balas de borracha da polícia.

O que desaguou nesse ato de violência começou, na manhã deste sábado (18), como uma manifestação contra a entrada de venezuelanos no país. O que motivou os manifestantes, diz o jornal Folha de S.Paulo, foi o assalto de um comerciante local que, alegam os brasileiros, foi vítima de um grupo de imigrantes. Raimundo Nonato, que sofreu o assalto na véspera das agressões deste sábado, está internado em um hospital com traumatismo craniano, informa a Folha. Não só o recente caso de agressão representa um risco à vida dos venezuelanos em Roraima. Trabalho análogo ao de escravo, discriminação salarial em função da origem, mendicância de crianças em semáforos, relatos de abuso sexual de mulheres contratadas para trabalhar como domésticas e prostituição são outros dos problemas pelos quais os imigrantes estão passando em Roraima. Uma denúncia sobre as violações dos direitos humanos foi feita em fevereiro pela procuradora do Trabalho da 11ª Região no Estado de Roraima, Priscila Moreto, em uma audiência pública na Comissão de Direitos Humanos do Senado.

Priscila defendeu a busca por soluções para a crise migratória no estado, destacando que a saída não pode ser o bloqueio à entrada dos cidadãos no País, já que isso contraria a nossa Constituição. “É impossível o fechamento da fronteira. É constatado que o ingresso refugiados venezuelanos não traz só prejuízos, mas méritos à economia local, com o acréscimo de mão de obra. Mais de 70% dos migrantes vivem em casas alugadas, essas pessoas consomem alimentos e pagam seus aluguéis”, disse.

Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2018-08-18/refugiados-venezuelanos-agredidos-roraima.html>



50 MIL VENEZUELANOS TENTAM RECOMEÇAR NO BRASIL

<https://www.youtube.com/watch?V=-k1epe9xkbm>